

Um olhar sociológico sobre as estratégias adotadas por mulheres para a dinamização da economia familiar no meio rural na zona da mata Mineira**A sociological look at the strategies adopted by women for the dynamization of the family economy in the rural environment in the area of mata zone Mineira**

Recebimento dos originais: 27/12/2018

Aceitação para publicação: 28/01/2019

Ana Paula Evangelista de Almeida¹

Doutoranda em Ciências Sociais (UFJF);

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora

Endereço: Rua José Lourenço Kelmer, s/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900

E-mail: evangelistaalm@yahoo.com.br

RESUMO

A proposta deste trabalho é propiciar discussões sociológicas sobre a atuação da mulher como integrante fundamental no processo sócio produtivo da agricultura familiar e da pecuária leiteira da região da Zona da Mata-MG. Além de realizar uma breve revisão teórica sobre a temática mulheres e ruralidade (AMORIM, 2016; MEDEIROS et al, 2014), este trabalho contextualiza as trajetórias e história de vida das pesquisadas. O intuito é investigar as estratégias adotadas por elas para dinamizar a economia familiar no meio rural, tais como o cooperativismo/associativismo e participação em sindicatos, a luta pela garantia das políticas públicas, a pluriatividade, a diversificação da produção e a capacitação técnica (através do SENAR e EMATER) para a manutenção de modos de viver o/no meio rural, dado que nas últimas décadas o êxodo de famílias rurais para a cidade foi muito acentuada (RONSINI, 2004). Descreverei como se dá o acesso a terra, a participação social, física e prática destas mulheres em movimentos comunitários e associações locais, suas ações no dia a dia campestre e suas redes de relações produtivas, para além do trabalho doméstico, dando assim visibilidade a estes atores sociais como agentes de um *novo e complexo* modo de viver no meio rural (SCHNEIDER, 2010).

Palavras-Chave: mulheres, rural, movimentos, dinamização, pluriatividade.

ABSTRACT

The purpose of this work is to provide sociological discussions about the role of women as a fundamental element in the productive process of family farming and dairy farming in the region of Zona da Mata-MG. In addition to a brief theoretical review on the theme of women and rurality (AMORIM, 2016; MEDEIROS et al, 2014), this paper contextualizes the trajectories and life history of the researched women. The aim is to investigate the strategies adopted by them to boost the family economy in rural areas, such as cooperativism / association and participation in trade unions, the struggle to guarantee public policies, pluriactivity, diversification of production and technical training (through of SENAR and EMATER) for the maintenance of ways of living in the rural environment, since in the last decades the exodus of rural families for the city was very marked (RONSINI, 2004). I will describe the access to land, the social, physical and practical participation of these women in community movements and local associations, their actions in the

¹Doutoranda em Ciências Sociais (UFJF); evangelistaalm@yahoo.com.br

day-to-day countryside and their networks of productive relations, besides domestic work, thus giving visibility to these social actors as agents of a new and complex way of living in the rural environment (SCHNEIDER, 2010).

Key words: women, rural, movements, dynamization, pluriactivity.

1 INTRODUÇÃO

O interesse por pesquisar este tema nasce não só do meu contato ao longo de minha infância/adolescência com a vida rural, mas também em decorrência de um novo contato com as comunidades rurais enquanto professora de Sociologia na escola média, propiciando assim, tanto o contato quanto a facilidade de realização da pesquisa com estas mulheres do meio rural da zona da mata mineira, na região de Juiz de Fora/Lima Duarte.

Cabe pontuar que a participação efetiva das mulheres no processo produtivo, desde o início da construção humana do saber e da prática vinculada à agricultura, sempre foi determinante para a garantia da continuidade dos seres humanos tanto na produção da alimentação, como na preservação ambiental, na garantia de renda - comercialização, ou seja, na reprodução da vida. Porém, essa participação ao longo da história foi secundarizada diante dos vários modos de produção existentes, em especial da organização social capitalista em que vivemos, pois sua pauta diz respeito a uma lógica social enviesada pelos valores que orientam as relações de gênero, privilegiando o protagonismo e a força masculina (NEVES & MEDEIROS, 2013, p. 10)

Cabe destacar que o intuito desta pesquisa não é discutir especificamente as questões de gênero, apesar de não haver dúvida sobre a necessidade da atuação feminina para a reprodução social rural; mas há, por outro lado a precisão de se evidenciar seu protagonismo. Pontuam-se então, ao longo da análise, por meio das descrições do cotidiano destas mulheres, o ir além da casa, do serviço doméstico, descrevendo assim um pouco das suas histórias de vida, tais como a posição na família, as relações com o campo, à convivência com espaços públicos e privados. Valorizam-se com este trabalho as trajetórias e os depoimentos pessoais que se colocam, também, como fontes documentais para a reflexão sociológica.

2 MULHERES, ESTRATÉGIAS E RURALIDADES

Duas questões, do ponto de vista sociológico, me levaram a pesquisar estes atores, a primeira delas diz respeito à eclosão de uma nova ruralidade (SCHNEIDER, 2010), pós década de noventa, quando o meio rural acentua a combinação de funções agrícolas e não-agrícolas. Assim, agrega-se uma série de atividades que passaram a oferecer novas oportunidades de trabalho e renda para famílias, a agropecuária e a agricultura de subsistência passaram a dividir espaço com um

conjunto de atividades ligadas ao lazer, prestação de serviços e até à indústria, reduzindo cada vez mais os limites entre o rural e o urbano no país (SILVA E HOFFMANN, 2000).

Houve na América Latina, a partir da década de setenta, uma diversificação de estratégias de sustento, especialmente no setor agrário, aumentando a participação econômica das mulheres e sua inserção em atividades não agrícolas (SCHNEIDER E SILVA, 2010). As transformações que ocorreram nas últimas décadas fizeram com que o meio rural mudasse suas relações comerciais e sociais, assumindo um papel importante na integração da agricultura familiar com o mercado, em decorrência da diversificação e as inovações tecnológicas como ferramentas de apoio ao desenvolvimento agrícola. A nova ruralidade é apresentada com vários recortes, envolvendo contribuições de cientistas brasileiros como Maria Nazareth Baudel Wanderley, Maria José Carneiro, Silvana G. de Paula, José Graziano da Silva, Roberto José Moreira, entre outros.

As mudanças e transformações ocorridas no espaço rural a partir deste período provocaram um rearranjo nas unidades produtivas de base familiar, assim como na vida das pessoas que se organizam nesse espaço proporcionando a multidimensionalidade do rural. O rural ganha dupla função, local de produção e consumo e a unidade familiar agrícola passa a ter a capacidade de elaborar novas estratégias para se adaptar às condições econômicas e sociais da modernidade, em arranjos que dialogam a tradição com o moderno. (KAGEYAMA, 1998).

Verifica-se que este rearranjo se deve a um conjunto de atividades diferentes das tradicionais que foram agregadas no campo. Exemplo disso é a incorporação de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento. Tais mudanças são influenciadas pelo acesso a novas tecnologias, qualificação profissional, mecanização, valorização do orgânico e do turismo local, gerando atividades complementares ou suplementares à produção agrícola, conhecidas como *pluriatividades*, que são exercidas por um ou por vários membros de um grupo doméstico. Ou seja, outras formas de exploração sustentadas não mais na exclusividade da agricultura, mas na combinação com outros tipos de atividade econômica, dentro ou fora de uma mesma unidade doméstica, cujo foco é o sustento e permanência da família no ambiente rural.

3 ESTRATÉGIA COMO *MODUS DE VIDA*

Para pensarmos o conceito de estratégia tomamos por base dois autores clássicos da sociologia que tratam desta temática partindo da noção de agenciamento dos atores, Pierre Bourdieu e Richard Whittington, mas que não deixam de evidenciar como a estrutura social influencia nestas ações. Cabe pontuar que quando falamos de estratégia com base na noção de agenciamento dos atores, devemos considerar que, do ponto de vista da análise sociológica, os processos de tomada de decisão dos agentes não são, necessariamente, plenamente racionais, mas estão imersos em um

ambiente social com valores e expectativas normativas peculiares. Por isto, ao realizar a análise da vida destas mulheres vamos trabalhar a concepção de rede/malha de Ingold e a ideia de movimento/fluxo dentro das relações estabelecidas.

Quando apresentamos o conceito de estratégia para pensarmos este *modus* de vida e esta teia de significado² (GEERTZ, 2003) que abrange a vida destas mulheres pesquisadas, buscamos compreender como o conhecimento e as habilidades estratégicas são mobilizadas pelas mesmas. Os indivíduos são produtores ativos de significados estruturados e organizados por meio de narrativas, e em práticas cotidianas os atores dão sentido às suas ações e experiências. A prática estratégica é possibilitada pelas estruturas da linguagem humana que dão sentido a esta prática.

Segundo Whittington (2003), o campo das estratégias está propenso a manipulações de outros atores, para além dos próprios agentes. Portanto, a estratégia como prática deve ser entendida como um conjunto de atividades desempenhado nas interações e trocas sociais, logo é fundamental não só estudar a vida destas mulheres, mas as redes e malhas (INGOLD, 2012) que compõem suas estratégias e projetos de vida no meio rural, a saber, a rede familiar, a rede de sociabilidade (vizinhos, amigos, compradores, cooperativas/associações, entre outros) e mesmo os movimentos de qualificação/capacitação que fazem juntamente a órgãos públicos. Para Ingold, a ação no mundo não é o resultado de uma agência distribuída em torno da rede, mas, antes, emerge do jogo de forças que é conduzido através das linhas da malha³. Para o autor, a vida está em constante movimento:

“[...] na vida, como na música ou na pintura, no movimento do devir - o crescimento da planta a partir da semente, o soar da melodia a partir do encontro do violino com o arco, o movimento do pincel e seu traço - os pontos não são conectados, mas colocados de lado e tornados indiscerníveis pela corrente à medida que ela se arrasta através deles. A vida está sempre em aberto: seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente”. (Ingold, 2012, p. 38).

Outro teórico que aborda a temática da prática social é Pierre Bourdieu, especialmente em sua obra *Elementos para uma teoria da prática* apresenta uma concepção de estrutura dinâmica no que tange as ações sociais. Quando se pensa em estrutura dinâmica é necessário considerar a existência de um conjunto de relações históricas, produto e produtora de ações, que é condicionada

²As relações humanas são compostas por teias de significados tecidas através da cultura. Na concepção do antropólogo Clifford Geertz a antropologia seria uma ciência interpretativa, à procura do significado destes emaranhados de teias. Por isto para a análise da pesquisa de campo vou me valer de vários conceitos e métodos da antropologia.

³ Utilizando a teia de aranha como metáfora, Ingold afirma que a rede não é uma entidade. Ou seja, não é um objeto independente fechado que está definido contra outros objetos com os quais pode então ser justaposto ou unido. É, sim, um pacote ou um tecido de linhas, fortemente unificadas, mas com alguns pontos em aberto, sem conexão, que se agrupam com outras linhas de outros agrupamentos (Ingold, 2011, p. 91).

e é condicionante. Deriva da dupla imbricação entre as “estruturas mentais” dos agentes sociais e as estruturas objetivas (o “mundo dos objetos”) constituídas pelos mesmos agentes. O que vai de encontro com a proposta de fluxo/malha em Ingold (2012), quando o mesmo afirma que “é nestes fluxos e contrafluxos, serpenteando através ou entre, sem começo nem fim – e não enquanto entidades conectadas com limites interiores ou exteriores – que as coisas são evidenciadas no mundo”. Assim, neste estudo a rede familiar e de sociabilidade das entrevistadas é considerada como parte de um processo histórico que se constrói ao longo do tempo e se encontra em constante fluxo.

Bourdieu (1996) em seus estudos sobre a prática social afirma que as estratégias mais comuns estão centradas na conservação das formas de capital⁴; no investimento com vistas à sua manutenção/reprodução; na sucessão, com vistas à manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes; na educação, com os mesmos propósitos; na acumulação econômica, mas, também, social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (status).

Partindo dessa defesa da possibilidade de tomar o indivíduo como objeto da Sociologia, outro teórico da área, Bernard Lahire vem se dedicando, ao longo de seus estudos, basicamente, a explicitar as especificidades da realidade individual (LAHIRE, 1998). Nos termos de Lahire, o corpo individual no qual se reflete o social “tem por particularidade atravessar às instituições, os grupos, as cenas, os diferentes campos de força e de luta” (1999, p.125). Trajetória aspirações, anseios, expectativas, motivações, planos e ações relativos precisamente a sua condição compreensão destas orientações de conduta – tanto em seu aspecto ‘objetivo’ quanto ‘subjetivo’ – são fundamentais para contextualizar as trajetórias individuais e mesmo comuns destas mulheres, a fim de que se possa conseguir apropriar de maneira concreta as experiências e tomadas de posição dos indivíduos ao longo de seus percursos sociais.

4 MULHERES, MOVIMENTOS E ESTRATÉGIAS – VISITAS AO ‘CAMPO’

A primeira etapa da pesquisa acompanhou as estratégias adotadas por dez mulheres da região da Zona da Mata-MG, residentes entre os municípios de Juiz de Fora, Santa Bárbara do Monte Verde-MG, Lima Duarte e Olaria. A região onde vivem as dez mulheres caracteriza-se por ser uma antiga bacia leiteira, portanto, boa parte delas obtém a principal renda do retiro de leite ou já viveram durante anos da extração agropecuária. Logo, o perfil destas entrevistadas vai além da

⁴Bourdieu entende por esse termo não apenas o acúmulo de bens e riquezas econômicas, mas todo recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social. Assim, além do capital econômico (renda, salários, imóveis), é decisivo para o sociólogo a compreensão de capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), capital social (relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação). Em resumo, refere-se a um capital simbólico (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). Sobre os conceitos chave de Bourdieu ver mais em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>. Acesso em julho de 2018.

agricultura familiar, sendo esta atividade uma complementação da renda e a base da subsistência alimentícia das mesmas. Além do mais, essas mulheres e suas famílias buscam alternativas econômicas em atividades não agrícolas, tais como o turismo, prestação de serviços para outras pessoas da comunidade como diarista, pedreiro, manutenção das pastagens, entre outros.

Figura 1 – Casa de Avenca, e seu curral.



O curral é bem próximo da casa, bem como as lavouras e plantios.

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Neste sentido podemos pontuar que na cadeia produtiva do leite, e mesmo no que tange a agricultura familiar nas últimas décadas, o Estado brasileiro⁵ vem intervindo por meio de investimentos em pesquisas e da criação de órgãos públicos para o setor. Vide o caso da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)⁶ vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento⁷ e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão de Minas Gerais (EMATER)⁷, além do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR)⁸. Os sindicatos

⁵ Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais, o POPMR, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e aplicado pela EMATER tem apoiado a inserção das mulheres na economia a partir de relações igualitárias. As ações abrangem a identificação e a caracterização de grupos produtivos de mulheres, a formação, a capacitação, a promoção de espaços de comercialização específicos para maior visibilidade da sua presença econômica, e a articulação local para viabilizar o acesso das mulheres às políticas públicas. Saiba mais em: www.emater.go.gov.br/intra/wp-content/uploads/.../6-Org.Produtiva_Mulheres.ppt.

⁶ Veja o exemplo de capacitação de mulheres em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/8357579/mulheres-do-lago-de-sobradinho-sao-capacitadas-para-a-criacao-de-abelhas>

⁷ Valorização pelo Estado das mulheres rurais. Atualmente, o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) tem 214 agroindústrias familiares cadastradas. “Quase todas as agroindústrias têm uma mulher envolvida. Se não é ela quem coloca a mão na massa, está envolvida como gestora”, explica o fiscal agropecuario do IMA, Andre Almeida Santos Duch. Leia mais em: http://www.emater.mg.gov.br/portal.cgi?flagweb=novosite_pagina_interna&id=20431

⁸ O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) é uma entidade vinculada a [Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil](#) (CNA) que tem como objetivo organizar, administrar e executar, em todo território nacional, a [Formação Profissional](#) Rural e a Promoção Social de [jovens](#) e [adultos](#) que exerçam atividades no meio [rural](#). O SENAR criou o programa MULHERES EM CAMPO para despertar o interesse pela gestão e, assim, ampliar o protagonismo feminino na administração das empresas rurais. O programa desenvolve competências de

rurais⁹ locais também aparecem como organizações que dão suporte técnico, administrativo e burocrático a esta população. Nas nossas sociedades, o Estado contribui de maneira determinante na produção e reprodução dos instrumentos de construção da realidade social. Enquanto estrutura organizacional e instância reguladora das práticas, ele exerce permanentemente uma ação formadora de disposições duradouras (BOURDIEU, 1993, p. 59).

Henri Lefebvre, já na década de 1950, chamava a atenção dos sociólogos dizendo que as questões do mundo rural são muito mais diversas e múltiplas do que parecem. Para o autor “entre as malhas de tecido urbano persistem ilhotas de ruralidade “pura” (...) A relação “urbanidade-ruralidade”, portanto, não desaparece; pelo contrário intensifica-se, e isto mesmo nos países mais industrializados.” (LEFEBVRE, 1986, p. 164). Logo, o contato com estas mulheres, suas histórias de vida, permite observar a singularidade das mesmas, mas ao mesmo tempo semelhanças mais macro, no que tange as relações sociais empreendidas no meio que vivem, principalmente na teia produtiva que envolve a pecuária e a agricultura local.

Ingold sugere que o modo pelo qual andamos no mundo é pautado não por mapas dentro das nossas cabeças, mas por “matrizes de movimentos” que configurariam o que ele chama de “região”. Nessas regiões, os lugares não têm uma posição, mas, sim, histórias (Ingold, 2000, p. 219). Então, quando buscamos e encontramos um caminho, contamos uma história; assim, os lugares são unidos pelas histórias de seus habitantes. Assim, ao longo desta pesquisa, me deparo com muito movimento e muitas histórias que ligam diretamente as mulheres a sua terra, a sua família, ao mundo rural.

A peculiaridade das proximidades entre diferentes cidades (Santa Bárbara/Juiz de Fora/Lima Duarte/Olaria/Bom Jardim de Minas) e também de acesso mais fácil ao meio urbano facilita o movimento/fluxo destas mulheres. É neste aspecto que minha pesquisa chama atenção para o movimento enquanto uma das estratégias adotadas pelas mulheres para a dinamização da economia familiar. Como bem lembra Ingold, essa ênfase nos fluxos está relacionada diretamente com a ideia de movimento “ao longo de”, que seria não um movimento que busca conectar pontos, mas um movimento que “busca continuar andando” (Ingold, 2012: 46). O flâneur é um movimento de seguir para adiante, de se mover; e nele se encontram os diferentes devires (humanos, animais e outros), que constituem e que se constituem no próprio movimento. Nesses

empreendedorismo e gestão, orienta na descoberta do potencial de cada participante e da propriedade, ensina a planejar e a transformar uma atividade em negócio. Saiba mais em: <http://www.senar.org.br/programa/mulheres-em-campo>.

⁹ Pesquisas feitas sobre a Agricultura Familiar no Brasil tem destacado o papel dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais como um órgão receptor das necessidades dos agricultores, e capaz de atuar como catalisador e gerador de propostas, voltadas à viabilidade e sustentabilidade da agricultura familiar (THOMAZ JUNIOR, 1998). Temos os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) de base municipal e, em nível estadual, a Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura (FETAG), agrupadas nacionalmente sob a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais na Agricultura (CONTAG).

diferentes devires, projetam-se linhas ao longo das quais se vive a vida. Por isso que são linhas de vida (Ingold, 2012: 63). A seguir pretendo descrever um pouco destes primeiros contatos com estas mulheres, seus movimentos, projetos de vida, estratégias e dinamização econômica que contribuem para a manutenção do seu núcleo familiar no meio rural. É importante notar que o fato delas residirem bem próximas a fronteiras municipais acrescenta um grande valor à análise deste ambiente rural, pois o acesso tanto ao setor privado quanto aos públicos destes municípios é capaz de agregar diversos significados e configurações na organização familiar e nos implementos das unidades produtivas – a exemplo dos cursos/capacitações oferecidos pelo SENAR e Sindicatos Rurais, além da presença da EMATER e de Projetos das Secretarias de Agricultura destes municípios.

O território que habitam, bem como o constate movimento que fazem, é uma das estratégias adotadas por estas mulheres para a dinamização da economia familiar no meio rural, dado que permite acesso a outros espaços bem como a grupos/pessoas que compram/vendem sua produção. *Bigônia*, por exemplo, viveu parte da sua vida como colona de um grande proprietário daquela região, morava até recentemente em uma casa bem simples, de pau a pique junto da sogra, mais recentemente se mudou pra sua casa atual, que ainda está em construção.

Quando a gente mudou pra qui agente não tirava leite, plantava meia e plantava aqui (...) E vivia disto minha filha, agente plantava arroz, plantava feijão, e comprava na venda só macarrão e querosene, aqui era a luz de querosene (...) dinheiro passava longe. (...) Eu subia este morro ae minha filha, com oito, nove marmitas pra ele levar lá pra aqueles altos de Pião ali. Ae ele dava o leite, em troca da mão de obra dele, ae depois foi juntando o dinheirinho comprou uma vaca, duas vacas e por ae a fora e foi aumentando a renda nossa. Ae depois agente foi lá pro terreno do Vô do Tiago, levou as vacas pra lá, ae era lá e aqui (3 alqueires/15litros).

Neste regime de colonato que vivenciou mais de vinte anos de sua vida, ela trabalhou como diarista e também na lavoura, período que teve sua carteira assinada por cinco anos, depois se dedicou mais a criar suas três filhas, que hoje residem também na comunidade e são casadas (uma delas também foi entrevistada para este estudo). Também investiu no retiro leiteiro de sua propriedade, além da manutenção da lavoura. Atualmente, enquanto aguarda a saída de sua aposentadoria trabalha como diarista na casa de uma senhora que reside nas proximidades, ganhando mensalmente duzentos reais, mas ajuda o esposo nos afazeres, construção da casa, retiro leiteiro e na horta.

Por elas me verem como professora elas falavam muito sobre políticas públicas e também sobre cursos que elas faziam, e por saberem que eu era do meio rural também falavam sobre

formas de plantio e cuidado com a terra, falam meio que me ensinando, explicando e de fato eu aprendi coisas novas mesmo. Não joga a borra do café mais fora, coloco nas minhas flores. Vejo que este conhecimento facilita o aproveitamento da terra e dos recursos na hora de produzir bens materiais e de consumo familiar. E neste conhecimento são mobilizados não só os saberes tradicionais e geracionais, mas também conhecimentos apreendidos com os cursos de capacitação e com trocas grupais, nos encontros nas associações, nos sindicatos, na feira, e por aí vai. O conhecimento tradicional somado ao conhecimento adquirido nas capacitações, além das trocas de saberes entre elas e outras mulheres/famílias e que são aplicados no aproveitamento do solo, das espécies, do espaço territorial, e na produção de alimentos/leite entre outros produtos é um dos fatores que favorecem as estratégias adotadas por estas mulheres para a dinamização da economia familiar no meio rural. *Lírio* é muito conhecida na comunidade por administrar sozinha o retiro leiteiro, chega inclusive a tirar mais de 130 litros de leite por dia e fazer também a manutenção das pastagens, com pouca ajuda do filho mais novo, pois o mesmo frequenta a escola básica na parte da manhã.

Eu busco novilha no pasto, eu curo gado, eu faço tudo, laço ela e marro ela no pau. Tinha uma novilha pegadeira aqui, o P. L. falou, tu não mansa esta novilha não. Manso, e mansei ela no pau. Brava, nossa senhora, mas boa de leite. (...) trabalhar pra você é melhor do que trabalhar pros outros. Eu trabalhava dentro do salário do meu marido, eu e todos meus filhos, nós fazia o da casa e de fora, aqui não, pode ser mais apertado no caso, mas agente tá no que é nosso (...) Entre trabalhar de graça pro outro e trabalhar de graça pra você, é melhor pra você (risos).

Além da dedicação ao curral, sua casa possui um belo quintal, muito florido e uma boa horta e ela sempre está interagindo com a vizinhança, a exemplo de duas outras entrevistadas para minha pesquisa, a exemplo de *Estrelinha*, que das visitadas, sua família é a que mais tira leite, por volta de 200 litros diários, e a única que utiliza de ordenhadeira mecânica para fazê-lo. Trabalha no retiro junto do marido, mas também cuida dos afazeres domésticos, da horta e do quintal e das filhas. Ela sempre frequenta a cidade de Lima Duarte, ocasionalmente encontro com a mesma na rua, da última vez que fui a Pirapetinha de ônibus tive a oportunidade de encontrá-la e conversarmos mais um pouco. Ela disse que vai a cidade toda semana, fazer compras para a casa e também fazer academia. Já a outra vizinha, *Azaleia*, única entrevistada que não possui propriedade nenhuma. Desde que eu conheço sua família, eles vivendo regime de colonato, já mudaram para o Arraial de Orvalho, em Lima Duarte e mexeram alguns anos com um bar local, mas nos últimos cinco anos voltaram para a Pirapetinha e cuidam de um pequeno rancho de 1,5 alqueires;

Deus me livre de Juiz de Fora, lá é muito desorganizado que nem o Rio. Porto Alegre é muito diferente do Rio, de Juiz de Fora, lá é tranquilo, Rio é aquele movimento intenso, horrível, Porto Alegre tem ônibus, é boa de se andar, igual hoje se deixar eu no Aeroporto lá eu vou tranquilo lá onde meu filho mora, é muito organizado os ônibus, não é uma cidade corrida, apesar de ser capital, entendeu?

Seu marido é conhecido como um dos melhores carpinteiros da região, passou anos se dedicando a vida de pedreiro, mas em decorrência de um problema de coluna, trabalha ocasionalmente com isto. Situação semelhante acontece com Rosa, irmã de Avenca, durante muito tempo produzia verduras e compotas para serem vendidas também no Cachoeira Bar, assim como Avenca., possui também um excelente pomar com diversidade de frutas, várias espécies de aves (patos, perus, galinhas), além de muitos porcos e ao longo da entrevista me ofereceu uma goiabada feita por ela mesma do seu pomar. Ajuda no retilho leiteiro e por um longo tempo assumiu a frente do mesmo, quando seu esposo teve um acidente de moto e fraturou uma vertebra da coluna, atualmente tem um Benefício social não tem mais trabalhado com as construções de fogões alvenaria.

Observa-se que apesar de elas residirem no meio rural, não há uma dicotomia entre este espaço e o urbano, ambos se complementam na vida das mesmas. A facilidade de acesso ao meio urbano, em decorrência do fato de morarem entre fronteiras de municípios e a presença de transporte público periódico neste meio, permitem as mesmas estarem em contato direto com o urbano, seja por meio da aquisição de mídias, tais como televisão por assinatura, rede de internet e telefone celular, seja por meio das capacitações oferecidas pelos órgãos públicos municipais ou estaduais, como a EMATER/Embrapa, ou pelo envolvimento com questões sociais, como nos conselhos de saúde e conselhos escolares de seus filhos.

Samambaia, por exemplo, se traduz em uma mulher muito proativa, sempre passando a cavalo pelas estradas e muito boa de prosa, principalmente no que tange a política; eleições, secretarias, programas e projetos do município; a mesma disse que todo dia liga o rádio bem cedinho para se informar do que está acontecendo no país. Reclamou inclusive da reforma da previdência, disse estar muito preocupada, pois faltavam poucos anos para aposentar, e chegou a brincar que poderia voltar “os tempos da onça”, mencionando o caso de sua mãe, com mais de 80 anos, que custou a se aposentar. Com certeza dizia respeito ao período antes da Constituição de 1988, onde não era assegurada a aposentadoria as mulheres rurais.

Também acessam constantemente o espaço urbano para levarem o excedente de sua produção para venda e também receberem o pagamento referente à produção leiteira e a compra mensal da casa. O *continuum* entre urbano e rural contruído por elas e sua rede de sociabilidade é

um dos fatores que atuam sobre as estratégias adotadas por estas mulheres para a dinamização da economia familiar no meio rural.

Sabe que antes meu sonho era ficar na cidade, fazer renda em Juiz de Fora, teve um tempo que minha vontade era só voltar pra cidade, mas agora com este envolvimento com a Associação, com os cursos do SENAR, e mais agora o sindicato, eu tô conscientizando que a roça é o melhor lugar, Que tudo é natural né? Eu ouço as pessoas falando, traz pra mim, seu produto é natural, olha a diferença da beterraba plantada lá com a beterraba que compra aqui? Ae eu passei a repensar né, olha como que o pessoal que talá reclama do produto e eu aqui que tenho ele tô querendo ir embora pra lá (...) eu não gostava de roça assim, eu achava que na roça a vida da gente num muda sabe? Ficava muito com serviço de casa sabe? Ae apareceu a horta, depois fui mexer com a Igreja, e da Igreja fui pra Associação, e depois pro sindicato né, agora eu tô é sem tempo (risos).

Além das entrevistas e visitas feitas as mulheres, conversas informais foram realizadas com habitantes daqueles locais, até mesmo com seus familiares. *Girassol*, que produz verduras/frutas/leguminosas pra COOPAFALDER (Cooperativa de Agricultura Familiar de Lima Duarte e região), cuja venda de produtos ocorre principalmente durante a Feira de Agricultura Familiar, nas sextas-feiras; *“eu estou tendo muito trabalho estes dias pois estou tendo que limpar a terra, por isto não tô podendo te receber direito, mas depois é só cuidar daqui né, dá uma manutenção e colher (...)”* Disse a mesma e me recebeu com um enxada nascostas. *Violeta*, além de sua família ter como renda principal o retiro leiteiro, faz parte da COOPAFALDER, onde vende doces, biscoitos, ovos e queijo, na feira local de Lima Duarte. Também recorre ao turismo rural para complementar a renda. Tem um restaurante que abre ao fim de semana e oferece a comida típica mineira, além de passeios a cavalo e banho de cachoeira. Ela possui uma cozinha industrial, cuja construção foi financiada pelo PRONAF mulher, retirando dinheiro no Banco do Brasil a 2 %, orientado pelo técnico local da EMATER. Ela adquiriu a propriedade depois de trocar a mesma em um apartamento localizado em uma região periférica de Juiz de Fora.



Figura 3 – Restaurante rural de Violeta

Fonte: Foto de Olívia em Belezas Naturais de São Domingos e Região (página facebook).

Nota-se um esforço contínuo destas mulheres nas atividades diárias do campo, atividades inclusive feitas na maioria das vezes por homens naquele território, a exemplo da ordenha do leite e da manutenção do rebanho de gado. Tal fato gerava estranhamento aos demais habitantes dali, mas também um tipo de respeito e admiração; ouviam-se expressões do tipo: “elas são cabras macho.”; ou “para aquela ali não tem pano pra manganão.” Um exemplo é *Lírio*, muito conhecida na comunidade por administrar sozinha o retiro leiteiro, chega inclusive a tirar mais de 130 litros de leite por dia e fazer também a manutenção das pastagens, com pouca ajuda do filho mais novo, pois o mesmo frequenta a escola básica na parte da manhã. Além da dedicação ao curral, sua casa possui um belo quintal, muito florido e uma boa horta.

Eu busco novilha no pasto, eu curo gado, eu faço tudo, laço ela e marro ela no pau. Tinha uma novilha pegadeira aqui, o P. L. falou, tu não mansa esta novilha não. Manso, e mansei ela no pau. Brava, nossa senhora, mas boa de leite. (...) trabalhar pra você é melhor do que trabalhar pros outros. Eu trabalhava dentro do salário do meu marido, eu e todos meus filhos, nós fazíamos o da casa e de fora, aqui não, pode ser mais apertado no caso, mas agente tá no que é nosso (...) Entre trabalhar de graça pro outro e trabalhar de graça pra você, é melhor pra você (risos).

Embora na atualidade essas mulheres participem de outras estruturas organizativas, como os sindicatos rurais e as associações comunitárias e de produção, o papel de suas antepassadas ao longo da história, foi mais evidente naqueles espaços de domínio privado, como os da religião, da família, do doméstico e da vizinhança (AMORIM, 2016; MEDEIROS et al, 2014). Por outro lado, assumir a frente de atividades agrícolas, desde o plantio, manutenção e distribuição/vendas dos

produtos, paralelo a participação/filiação a associações/cooperativas, possibilitava a estas mulheres ocuparem boa parte de seu tempo com aspectos administrativos e econômicos. Cabe dizer que este protagonismo só seria possível ao trabalho coletivo realizado pelo núcleo familiar. A maioria das entrevistadas ainda tinha em suas casas a presença de seus filhos (as), ou pelo menos boa parte dos filhos, que mesmo casados, ainda moravam nas proximidades. Também se destacavam por serem mulheres de origem familiar mais humilde, que passaram parte da juventude no sistema de colonato, transitando entre propriedades rurais dali ou entre postos de trabalhos precários e na medida em que se casaram, junto com os maridos e filhos, conseguiram adquirir uma pequena propriedade e tirar de lá o sustento da família e mesma uma renda fixa.

Visualizamos neste caso, um grupo de mulheres rurais em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, produzindo prioritariamente leite para os laticínios, e agregando a isto a agricultura para sua subsistência, e outras atividades não-agrícolas como complementação de renda: turismo rural, diarista, entre outros. *Avenca*, adotou como estratégia de aquisição de renda, por longos anos, a prestação de serviços no restaurante de seu irmão, conhecido como Cachoeira Bar, que atualmente é de outro dono, e ela não mais presta serviço lá. Lá havia um fluxo muito grande de turistas e mesmo de moradores locais ao fim de semana, ela aproveitava inclusive para vender alguns produtos que tirava como excedente de sua propriedade como ovos e pimentas.

“Eu tive uma época aqui, que eu tirava o leitinho, tinha as criações pra eu tratar, mas sobrar pra gente se manter não sobrava não, eu trabalhava, igual eu trabalhava lá pro meu irmão, final de semana, sábado, domingo e segunda. Lavando roupa de jogador, servindo comida, e assim foi minha filha, pra eu poder tirar o meu sustento.”

A significativa participação e atuação de algumas mulheres dessa região nas atividades rurais, desde a ordenha de vacas até o plantio da lavoura e manutenção/colheita da mesma é reveladora da capacidade e dedicação pelo campo. Indica também a não submissão à mera condição de papéis antigamente impostos a elas, a saber, o patriarcalismo e o machismo, forte neste meio social. Assim, acompanhar o cotidiano de trabalho, a superação e reinvenção destas mulheres, somada a inúmeras experiências sociais, políticas e econômicas que elas têm buscado, tornou-se um ponto de partida interessante para se pensar a sociedade rural, suas novas formas de organização e claro as estratégias adotadas para permanecerem neste ambiente.

Visualiza-se com a pesquisa, uma nova sociedade rural, com a emergência de um associativismo neste ambiente, mediado em alguns casos pelos órgãos públicos, tais como as Secretarias Municipais ou os Sindicatos Rurais locais, especialmente na região de Lima Duarte. A

pesquisa revela as experiências particulares locais, o acesso a terra e a extração de subsistência material e monetária da mesma, a valorização do trabalho e do espaço de sociabilidade entre elas, apontando que as mulheres podem ter papéis centrais como embriões e mesmo mentoras de experiências produtivas.

REFERÊNCIAS

BIONDI, Karina. **Etnografia no movimento**: território, hierarquia e lei no PCC. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. 336 f.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992b.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Os interstícios da hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, mai. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 2003.

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis**: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. 1. ed. São Paulo: Garamond, 2013. 455p.

INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: Emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, 37, p. 25- 44, 2012.

KAGEYAMA, Angela et al. Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos. **Economia Aplicada**, v. 2, n. 3, p. 515-551, 1998.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. spe, p. 1393-1404, 2015.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural – Os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAUBSTEIN, Fernanda C. A ruralidade ontem e hoje: uma análise do rural na contemporaneidade. AURORA ano V número 8 - AGOSTO DE 2011. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.

MARTINS, José de Souza. **O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural**. Estuda, v. vol.15 nº.43. São Paulo Sept./Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300004. Acesso em fevereiro de 2017.

MOREIRA, Roberto. Projeto de Pesquisa: **Ruralidades, Cultura e Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em http://r1.ufrj.br/cpda/ruralidades/arquivos/arquivos_pesquisa/46_ARQ.pdf. Acesso em fevereiro de 2017.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas de Oliveira; FELIPE, Daiane Fernandes. **Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade**. *Psicol. Ciênc. Prof*, p. 390-405, 2014.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, vol. 18, nº. 51 fevereiro/2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>.

SILVA, José Graziano da Silva; GROSSI, Mauro Eduardo del. **O Novo Rural brasileiro**. IE/Unicamp, Porto Alegre, 1996.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. *Estudos Sociedades e Agricultura*, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n. 15, p. 87-146, 2000.

WHITTINGTON, Richard. **Estratégia após o modernismo: recuperando a prática**. *RAE* v. 44, n. 4, 2004. _____. *O que é estratégia*. São Paulo: Pioneira, 2002a. _____. *Strategy as practice*. *Long Range Planning*. v. 29, n. 5, 1999.